

A LEITURA FRUITIVA E A AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marina Linschikowski ¹
Claudete Bonfanti ²

RESUMO: O presente trabalho foi realizado na disciplina Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica, que teve como objetivo compreender a docência na Educação Infantil. A pesquisa foi efetivada em um Núcleo de Educação Infantil, pertencente à rede pública municipal de ensino de Balneário Camboriú, que atende crianças de zero a três anos e onze meses (berçário e maternal). Participaram da pesquisa crianças, professoras e pais. O plano da docência foi norteado pela literatura como objeto estético na Educação Infantil, ou seja, a concepção de leitura com um viés da fruição, um relacionamento livre que a criança possui com um livro, possibilitando o despertar dos sentidos e o desejo pela obra. O estudo é de ordem qualitativa e os procedimentos de coleta dos dados compreenderam: protocolos de observação, entrevistas, pesquisa bibliográfica, plano de intervenção, registros fotográficos e em diário de campo. Obteve-se uma íntima relação com o grupo pesquisado, permitindo encontrar diversos resultados, e melhor compreender os depoimentos dos sujeitos e as suas interpretações. Considera-se que esta pesquisa fomentou a importância da ação docente para a Educação Infantil, e o quanto são sutis as práticas pedagógicas relacionadas à leitura, inserção dela no cotidiano e estimulação de hábitos de leitura, promovem um grande efeito no desenvolvimento integral da criança, sendo este social, cognitivo, afetivo e sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Fruição. Leitura. Docência. Educação Infantil.

1 Observar para melhor compreender o contexto

O Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica, na Educação Infantil, iniciou-se com a observação de uma turma do Maternal II, no Núcleo de Educação Infantil, com a faixa etária de três (03) anos completos, tendo um total de vinte e cinco (25) crianças, com matrícula em período integral, cuidadas e educadas por três (03) docentes em sala.

A observação permitiu conhecer a rotina, o envolvimento entre crianças, entre as professoras com a gestão escolar, o planejamento e a construção da

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: marinaks@univali.br

² Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Docente do Núcleo das Licenciaturas da UNIVALI. E-mail: cbonfant@gmail.com

autonomia das crianças. Para captar esse movimento da ação pedagógica foi utilizado um protocolo com indicadores que ofereciam um olhar mais aguçado, uma presença sensível e atenta às ideias deixadas sub-entendidas pelos professores e crianças e, também, sobre o movimento interno do Núcleo e da sala.

A pesquisa no grupo de crianças estava baseada nos Indicadores de Qualidades do Ministério da Educação e Cultura, MEC para a Educação Infantil (BRASIL, 2009). Um dos indicadores orientava sobre o planejamento docente: como ele é articulado à equipe da gestão da instituição e, ao questionar, constatou-se uma relação de distanciamento entre professores e gestão.

Ao se observar a prática docente, neste grupo, percebeu-se que durante a rotina do dia, os recursos do ambiente da sala de aula, são utilizados para promover várias linguagens, cuja importância, Ramos pontua:

[...] o ambiente das creches e pré-escolas pode ser considerado como um campo de vivências e explorações, zona de múltiplos recursos e possibilidades para a criança reconhecer objetos, experiências, significados de palavras e expressões, além de ampliar o mundo de sensações e percepções. Funciona esse ambiente como recurso de desenvolvimento e, para isso, ele deve ser planejado pelo educador, parceiro privilegiado que a criança dispõe. (RAMOS, 2002, p. 193).

Quanto à rotina, observou-se uma certa organização funcional, prática, rápida e objetiva. Por vezes, foi observado o adulto como o centro da rotina, e em menor grau, a participação dos modos de explorar e agir da criança em diversas situações práticas. Segundo Oliveira (2002), as salas devem ser estruturadas de modo que facilitem a orientação das crianças sobre a rotina cotidiana.

Após o tempo do soninho, as professoras, por meio de palavras, estimulam que os pequenos troquem de roupa sozinhos, mas quando necessário, elas auxiliam. Na troca de sapato, também acontece esta relação de crescimento na construção da autonomia, sendo as crianças desafiadas a se trocarem sozinhas. Não foram poucos os que diziam que tinham conseguido colocar, mas com os pares invertidos. E neste momento, oportunizado pela criança, era ensinado como calçar o sapato.

São oportunizadas situações de aprendizagem a cada dia em diferentes locais disponibilizados pelo Núcleo, como no parquinho, caixa de areia e nas aulas

de educação física na qual são feitas atividades vivenciando desafios corporais como: correr, engatinhar, rolar, agarrar e subir. Os espaços naturais possíveis de explorar no núcleo são pequenos, e encontram-se nos dois parquinhos, pois são rodeados de algumas árvores. Há um pequeno contato ali, com a natureza.

Em algumas atividades, as crianças são envolvidas em situações que promovem a linguagem oral e escrita, por meio de leituras de histórias, porém com um distanciamento do real sentido e significado de deter os aspectos da leitura. Como diz Neitzel (2006, p. 105),

Por meio da leitura, da leitura gratuita, ocorre a assimilação, o entendimento e a transformação dos significados. Para isso, uma contação deve ser feita por instrumentos da professora, com uma máscara ou um vídeo narrado, e depois nada mais acontece, do que simplesmente as crianças reproduzirem pelo desenho o que gostaram ou entenderam, como a criança descobrirá o prazer, o inédito ou a leitura sem compromisso?

A Educação infantil é um espaço que interage diretamente no desenvolvimento integral da criança e devem ser oferecidos subsídios para o direito de viver e conceber a infância neste período de zero a cinco anos. Neste percurso, a Educação Infantil não deve valorizar a escolarização da criança, mas sim o crescimento físico, afetivo, cognitivo, linguístico e sociocultural.

Para este crescimento ser de forma integral, busca-se um apoio nas indicações para a Elaboração das Diretrizes e Bases da Educação Infantil do Brasil, 2009, o qual reúne parâmetros e referências para o trabalho pedagógico e elucida que nas instituições deve haver garantia do direito a uma educação de qualidade e comprometida com o cuidado, o desenvolvimento, a cidadania e o bem-estar das crianças e de suas famílias. Uma das vertentes para se consolidar tais ações e intenções está inserida na proposta pedagógica com princípios para a formação estética do aluno, da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

2 A leitura frutiva e a ação docente

Com base na análise dos registros em diário de campo, referentes à observação, foram possíveis pensar no objeto de pesquisa para a intervenção do estágio. Nesse aspecto, os dados sinalizaram para a possibilidade, entre outras, de se pensar na leitura na educação infantil.

Várias indagações permearam nossos pensamentos, a saber: Qual a relação que as crianças tinham com os livros, se havia manuseio livre, como eram oportunizados esses momentos pelas docentes, quais especificidades estavam em suas práticas pedagógicas, quando tinham momentos de contação de histórias e leitura, de que modo ela é concebida e compreendida pelas crianças, se ela é de forma agradável e se o ambiente no qual a criança está inserida estimula o hábito da leitura, mesmo sendo apenas a leitura de imagens.

A relevância desse objeto diz respeito ao fato de trazer um novo padrão sobre o que é a leitura na educação infantil, sendo este, a fruição, no sentido de se buscar a formação sensível da criança para a compreensão da literatura como um objeto estético, uma obra de arte, como salienta Neitzel (2006, p. 95),

A promoção da literatura nos ambientes educativos de forma a ser apreciada e fruída como fazemos com o trabalho artístico. Esse aspecto sinaliza para um trabalho diferenciado do pedagógico com a literatura, mas que de certa forma, pode ser aplicada e vivida e o quanto ela assume e traz significados completamente diferentes.

Durante o percurso da intervenção esteve sempre presente a mala da surpresa. Ela era aberta todos os dias diante das crianças e continha um acervo com noventa e sete (97) livros. Uma surpresa para cada dia. O objetivo desse recurso foi o de proporcionar às crianças reconhecerem a literatura como um trabalho artístico e de interação direta com o livro, ou seja, o manuseio livre, visando à vivência de novas sensações, curiosidades, percepções e expressões.

Em busca desta visão iniciou-se o processo de estágio no qual se optou pela adoção constante da mala da surpresa.

Para ampliar a relação da criança com o livro, é imprescindível que a criança saiba que a história que ouve encontra-se escrita num livro. Por isso, ele é fundamental para o processo de formação de leitor e nisto consiste a primeira ação da intervenção.

Em outro momento, as crianças reuniram-se em um espaço diferente ao da sala, sendo este o pátio externo. Ali, a troca mútua de desejos, estranhamento e curiosidades foram externalizadas ao se depararem com o seguinte episódio: Em volta da casinha de boneca foram estendidas duas colchas simples, sem a definição de um padrão para sentar. A mala da surpresa foi o foco da atenção, gerando várias perguntas: *O que será que tem dentro dela? Vamos descobrir juntos? Eu acho que tem tesouros! E vocês, o que acham que tem?* As respostas foram diversas, como: *“Ô profe, eu acho que são histórias! Ah, é um lobo que tem ai dentro! Profe, são os porquinhos”*.

Nesse momento, a ênfase da oralidade foi importante para despertar e captar a atenção da criança para aquele momento. De dentro desta mala surgiu o livro Trem de Ferro, do autor Manuel Bandeira, um poema rico em ritmo e musicalidade. A partir da obra, foi proposto um novo gênero literário às crianças, e deu-se o início da leitura do livro, respeitando as pausas, o escrito, as emoções ali presentes. Ao encerrar a leitura, não houve a pergunta se gostaram, pois a própria leitura desempenha o papel da elaboração da subjetividade.

Para significar esta leitura, as crianças foram convidadas a vivenciarem este poema musicalizado, proporcionando uma dinâmica para a interpretação, lembrando que elas só correspondem quando a participação é solicitada. Eis uma ação importante na prática docente.

Após esta experiência com a linguagem oral e escrita, foi oferecida às crianças a roda de leitura monitorada e são retirados da mala surpresa todos os livros.

A roda de leitura trouxe uma abertura para o novo, nova sociabilidade e relações surgem, pois todos os livros dispostos em frente às crianças e elas mesmas têm a autonomia de escolher o livro que desejam, sem ser imposto ou determinado pelo professor. Elas podem segurá-lo, folheá-lo, cheirá-lo, compartilhá-lo e vivê-lo e a ação de intervenção do professor é somente feita quando solicitada pela criança. Nesses momentos, é valorizada a relação que a criança deve ter com a obra, com o mínimo de intervenção possível do professor.

O perfil do docente nesses momentos está situado no exemplo. Assim, sentado junto aos novos leitores, os docentes com livros, também em mãos, devem confirmar às suas crianças que são leitores, pois só se pode trabalhar com a leitura o professor que ama ler, que é leitor, que interage com as letras.

É neste diálogo com o autor do livro que a criança começa a elaborar o caminho para a leitura frutiva, favorecendo e firmando experiências singulares, permitindo uma relação com o mundo interior e exterior, um passeio pelos espaços íntimos de seu ser que apenas a leitura descobre, e cria uma relação estética com o livro, pois desenvolvem seus sentidos, conhecimento e firma elementos afetivos, cognitivo e sociais que o fortalecem para novas etapas.

Este intercâmbio literário produz na criança a concepção artística presente na literatura, pois o livro é apresentado não como uma obrigação ou uma estratégia de ensino, mas sim para ser fruído e apreciado como uma obra artística. “Se tivermos como objetivo favorecer o desenvolvimento estético das crianças é imprescindível oportunizarmos a sua exposição, com frequência, à arte” (NEITZEL, 2006, p. 107).

Neste momento, pode-se constatar a sensação de estranhamento, surpresa, dúvidas e alegrias das crianças ao verem obras artísticas, nos livros que estavam diante delas disponíveis e de fácil acesso. Isto porque há um grande distanciamento dos livros em seu cotidiano, bem como, uma prática de roda de leitura até então não existente na instituição devido ao número insuficiente de livros e ao difícil acesso aos poucos livros que possuem.

No primeiro dia as crianças conseguiram ficar por dez minutos em atividade. Como se criou o hábito da roda diariamente, elas se envolveram com os livros e a cada dia a roda de leitura era estendida no tempo.

Também foram realizadas dinâmicas das expressões faciais. Após a roda de leitura, todas foram instruídas a se sentarem próximo à mala da surpresa e dali foram retirados desenhos de expressões faciais. Foi um momento de reconhecimento das expressões e sensações em diversas situações.

As crianças foram estimuladas a imitarem as faces e dizerem em que momento elas demonstram essas expressões. Houve identificação da identidade, pois em alguns aspectos se reconheciam, como por exemplo, foi apresentada a

expressão de um rosto cantando, foram feitos comentários acerca de quando cantam o que gostam de cantar e o que cantam. Incluíram o poema Trem de Ferro que aprenderam no mesmo dia, e manifestaram-se dizendo, “*Ô profe, eu sei cantar café com pão, café com pão! Ô profe, quando o X briga comigo eu faço assim (refere-se a imagem). Ô profe, eu durmi assim*”.

Ao final de cada dia, as crianças passavam por um momento de reflexão da tarde, chamado Jornal do Dia. Neste momento, as crianças reelaboravam seus conhecimentos diante dos seguintes questionamentos: Vocês leram hoje? Vocês ouviram história? Qual era o nome do livro? Com o que vocês brincaram hoje? Com o resultado das respostas, eram coladas imagens que representava as experiências da tarde.

O Jornal era fixado na parede, à altura da criança, permitindo a participação e promovendo diálogo entre elas. Como resultado desta ação, foi possível ver uma maior integração do grupo, pois gostavam de apontar as imagens e dialogar sobre elas.

A cada dia de intervenção, era colado na agenda de cada criança um mini relatório aos pais. Com isso, buscou-se estabelecer pequenos diálogos com as famílias, visando uma aproximação entre instituição, docente, criança e leitura.

Ressalta-se que uma das crianças, no momento da roda da leitura, nega os livros de imediato, repulsa sua presença através de seus passos, expressando choro diante do desconhecido. Foi necessário ela enfrentar o novo, escolher um livro, ver tantas opções, e perceber que ninguém está impondo esta ordem. Passa a querer ficar longe de todos, mas uma simples ação docente fez com que compreendesse que ninguém iria questionar o que estava em suas mãos, ninguém iria obrigar a desenhar o que entendeu da história. Apresenta-se um livro, outro livro. Ficam à vontade para apreciar as capas das obras e, em instantes, observa-se o mesmo menino, sentado, ao lado dos seus colegas, impressionado com as páginas, com o cheiro dos livros e um livro em sua mão não foi o suficiente. Era necessário, no mínimo, três. Que relação, quanta intimidade!

Um livro para se contar uma história deve ser bem escolhido, ou seja, não se trata de improvisos. Este critério da escolha é importante para uma prática docente

pautada na leitura fruitiva. Muitas vezes, são lidos apenas livros de cunho moral, ou contos de fadas que já apresentam um final pronto. É importante estabelecer critérios que tornam o momento interessante e desafiador, com ilustrações coerentes ao que está sendo contado, enredo que provoque as crianças, textos não somente ligados ao cunho pedagógico, entre outros.

Durante os momentos da roda de leitura, as atitudes práticas e pedagógicas das docentes de sala, que participavam junto, apontavam para uma “barreira” sobre o uso do livro feito pelas crianças. Algumas expressões demonstradas como: o livro deve ser apreciado com muito cuidado; oferecer amor a ele; que o livro chora; e escolhas ainda feitas pelas docentes para as crianças “verem”.

Na intervenção, foi estabelecido um hábito: em todos os momentos em que o grupo estivesse com ações relacionadas à leitura, usava-se somente o verbo LER, e descartavam-se palavras infantilizadas diante das crianças. Assim, elas começaram a estabelecer uma relação de que elas mesmas “vendo” as imagens, ainda não podendo decifrar a escrita, estariam lendo as imagens.

Também foi proposta a atividade de moldagem do corpo. Nesse momento, foram organizadas duplas. Assim, um colega deitava sobre um pedaço de papel pardo, e o outro colega desenhava, ou seja, moldava-o. Este espaço esteve rico de resultados e conhecimentos adquiridos. Enquanto a criança moldava o colega era estimulada a falar por onde o pincel estava passando, reconheciam partes do seu corpo e também a compreensão de diferentes tamanhos e formas.

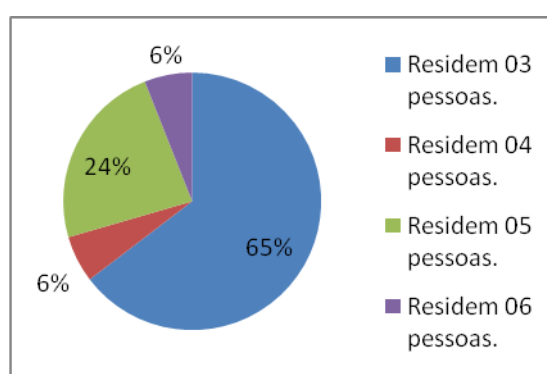
Um relato desta experiência foi poder perceber a surpresa de cada criança ao se levantar e ver seu corpo ali contornado no papel pardo. Seus questionamentos, na maioria eram: *“Profe, sou eu”*; *“Profe, minha cabeça tá grande”*; *“Profe, não está faltando o olho e a boca?”* E os que estavam aguardando para serem desenhados não conseguiam conter a ansiedade, e ficavam ali ao redor acompanhando cada traço feito pelo colega. Para significar esta atividade, cada pai e/ou responsável ganhou de presente o molde de seu (ua) filho (a).

A entrega do mini relatório aos pais e/ou responsáveis sobre o que as crianças realizaram durante a tarde trouxe uma aproximação no nosso diálogo.

Passou a ser uma intervenção em conjunto, pois além da agenda, estreitou-se a relação nos momentos em que os pais buscavam seus filhos (as).

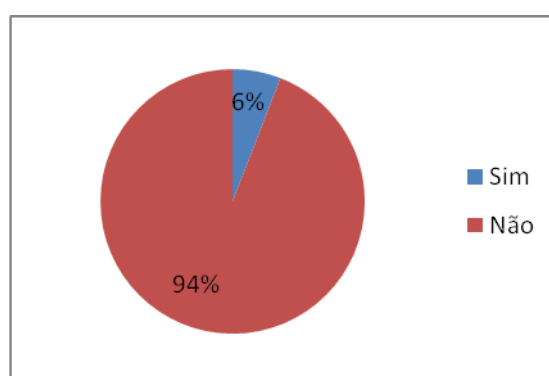
Além do mini-relatório que descrevia o que estava acontecendo no estágio, foi aplicado um questionário tendo como objetivo diagnosticar o nível de envolvimento com o livro, sobre o hábito de leitura e vivência com os livros no cotidiano familiar. Participaram dezessete famílias, ou seja, houve a participação de 68% das famílias pertencente ao grupo da primeira etapa da intervenção. Os dados coletados são apresentados na sequência, em forma de um gráfico, com a respectiva pergunta e resultado.

Questão 01- Quantas pessoas residem em sua casa?



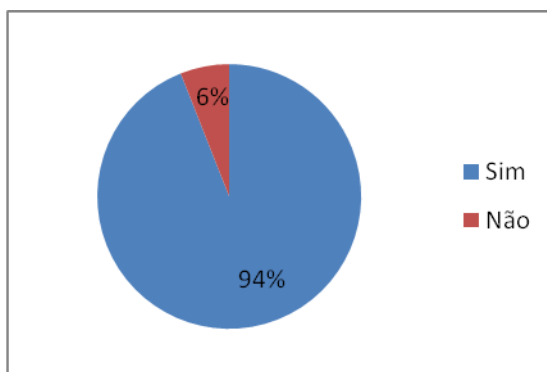
Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, autoras em 2013.

Questão 02 - Você costuma acompanhar seu filho(a) para um passeio à biblioteca pública da sua cidade?



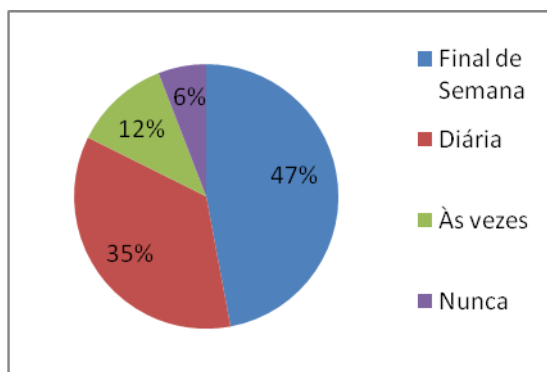
Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, autoras em 2013.

Questão 03 - Você já presenteou seu filho(a) com livros?



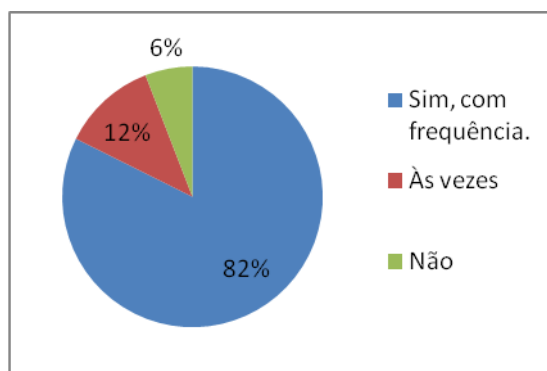
Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, autoras em 2013.

Questão 04 - Você tem o hábito de leitura? Costuma ler livros, jornais ou traz leituras, com que frequência? Final de semana, diária, às vezes ou nunca.



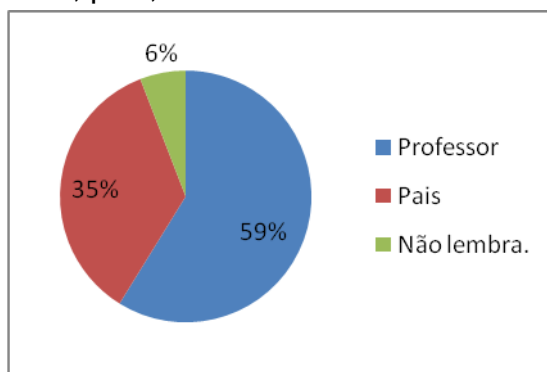
Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, autoras em 2013.

Questão 05 - Você lê livros para o seu filho(a)?



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, autoras em 2013.

Questão 06- Como foi seu primeiro contato com os livros? Através de sua professora, pais, ou você mesmo teve a iniciativa?



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, autoras em 2013.

Com o retorno do questionário, o qual 68% dos grupos familiares da sala responderam, obteve-se uma análise positiva em relação ao contato com livros e em saber como a família chegou ao ato de ler. Há um bom índice de hábito de leitura pelos pais e de contarem histórias para seus filhos, e também de pais presentear com livros. Esta relação deve ter uma continuidade por parte do Núcleo de Educação Infantil, para legitimar os ricos significados que partem do momento em que a criança encontra-se no seio familiar ouvindo uma história e para ajudar a inserir as crianças no mundo das representações através da leitura.

Com o passar das intervenções, a roda da leitura começou a ficar mais consistente e com muito mais propriedade. As crianças permaneciam atentas por mais tempo, sentiam-se mais à vontade diante dos livros e apreciavam, de todas as maneiras, que se pode apropriar deste universo, como: cheirando, levando a boca, compreendendo qual o lado de virar as páginas. Certamente, muitos livros ficaram amassados ou até rasgados, mas somente nesse estado mostra-se que foi lido, que foi “degustado”. Livros não são para ficarem escondidos em altas e velhas prateleiras.

As crianças demonstraram aprendizagens tais como: aprenderam a compartilhar livros, imitavam a professora contando histórias e criaram cantos próprios com os livros, como no caso da criança “A” que escolhia de seis a sete livros e ia para um canto e fazia a leitura.

Para integrar e fomentar mais ainda o espírito questionador e crítico das crianças, e estabelecer um reconhecimento de corpo, identidade pessoal e social, as crianças passaram por um momento de desafios, ou seja, formaram um encontro de perguntas e explicações. De dentro da mala surpresa sugeriram vários pontos de interrogações grandes, possíveis de serem tocados. Cada criança ganhou um ponto de interrogação. A palavra interrogação não foi compreendida de imediato, era um vocabulário novo e complexo, porém as crianças demonstravam grande interesse nele, pois gostavam de repetir. Após uma explicação sobre o que é o ponto de interrogação a sala passou por uma dinâmica de perguntas e respostas. As perguntas estavam relacionadas a diferentes vínculos: a identidade pessoal e social, sobre o que estavam realizando durante a semana em relação às rodas de leitura e histórias lidas. Tais perguntas eram: *Qual é a cor do seu cabelo? Qual é a cor do olho do C? Quem é o mais alto do grupo? Vamos fazer uma fila do maior para o menor? Quem tem os dedos das mãos maiores? Qual era a história que lemos hoje? Onde estavam os livros da roda de leitura? Quem tem o pé maior?*

Como resultado desta intervenção, destaca-se o relato da mãe de uma das crianças que participou deste momento. Segundo ela, ao chegar em casa, seu filho de apenas três anos de idade retirou as meias e questionou a ela o porquê de ter dedos dos pés um menor que o outro.

Em todo lugar pode haver livros; por isso, a leitura de um poema do autor Ricardo Silvestrin, proporcionando a participação das crianças na interpretação através da musicalização, foi efetivada na caixa de areia. Foi visível a reação no olhar das crianças de que algo inacreditável estava acontecendo: um livro naquele lugar!

Com o tempo, pôde-se perceber maior relacionamento e proximidade das crianças com os livros. Sendo muito comuns ao chegar à sala, imediatamente pedirem livros, histórias e apontavam para o lugar onde a mala da surpresa ficava escondida.

No decorrer da entrega do mini relatório aos pais, houve uma confirmação prazerosa de que os relatórios do dia estavam sendo apreciados e lidos pelos familiares. Através de um dos cadernos, uma mãe escreve uma carta, grata em

relação à intervenção, pontuando que a escolha da educação é gratificante e que temos o futuro do país em nossas mãos.

Na finalização da primeira etapa da intervenção, as crianças tiveram os mesmos momentos dos dias anteriores, sendo estes, contação de história, roda de leitura, entrega do mini relatório aos pais e a produção do jornal do dia. As crianças apreciaram a contação de uma história referente a uma colcha de retalhos, chamado A colcha de Retalhos, das autoras Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro Silva. Cada criança recebeu um pedaço de tecido, neste tecido reproduziram o que vivenciaram e aprenderam durante a semana da intervenção. Após esta arte, os pedaços de tecidos foram costurados e, assim, formaram uma colcha de retalhos do grupo pesquisado. Esta colcha será usada para a realização de roda de leitura, cujo grupo recebeu a doação de quinze (15) livros para as docentes darem continuidade na formação de leitores e apreciadores dos livros como uma obra de arte.

Para a II Etapa do estágio obrigatório, foi usada a colcha e a mesma trouxe significados para a roda de leitura, pois as crianças passaram por diversos momentos com um relacionamento direto com livros, já formando e estruturando seus passos como leitores, e a colcha permitiu internalizar mais ainda, esta relação, pois as crianças sentadas na colcha a que elas mesmas criaram e num momento de roda de leitura, estabeleceu um estreitamento no sentido da valorização da produção da sala e da formação estética da criança.

Fez parte, também, do Estágio Obrigatório, a apresentação de alguns resultados da pesquisa, junto às docentes do grupo de crianças participantes do projeto. Na oportunidade, aproveitou-se para fazer algumas leituras importantes de cunho formativo e informativo: um artigo intitulado - Sensibilização poética: educar para a fruição estética, da autora Adair de Aguiar Neitzel; Um poema de Luís Camargo - O vento. Reforçou-se o objetivo da leitura frutiva no sentido de oportunizar à criança uma aproximação com o livro em si, tendo um manuseio livre, criando a relação direta de autor e leitor, com o mínimo de intervenção do docente, respeitando aquele momento da criança com o livro. Esta relação foi abordada para formar o saber sensível das crianças, ou seja, um olhar, um sentir e um perceber diferente sobre o livro, partindo para uma apreciação estética dele.

O contato com a leitura deve estender seu horizonte a cada conquista. E, para isto, foi firmada uma ação que envolveu toda a equipe da escola e também outras salas. E assim, em dois dias, foi realizado um circuito literário.

Neste circuito literário, foram proporcionados diversos tipos de contato com o livro, a leitura e a literatura. O circuito foi organizado da seguinte forma: a sala foi dividida em três grupos e cada grupo encontrava-se em um dos cantos literários. Esses cantos literários apresentavam-se assim classificados: Canto 01: Roda de leitura Monitorada (embaixo de uma Tenda, Tenda Literária); Canto 02: Contação de História, sendo que no 1º dia foi realizado com o Grupo de Contação de Histórias da Univali, Contarte, e no 2º dia com o grupo de contadores da Leitura bate à sua porta, e Canto 03: Musicalização em Poemas e Livros.

Cada grupo foi monitorado com uma professora e um mediador voluntário, e em cada canto literário foi realizado alguma forma de intervenção que envolvesse a leitura. Cada canto não tinha uma duração estipulada, e os mediadores estavam sensíveis diante das situações e compreendiam o momento em que a criança já demonstrava que gostaria de outra atividade. Cada grupo passava em todos os cantos literários.

O canto da roda de leitura teve o mesmo objetivo das rodas realizadas nos dias da intervenção. Esta roda encontrava-se em baixo de uma tenda de plástico; tal local foi chamado de tenda literária. Ali, ficou disponível uma quantidade de livros, podendo a criança estabelecer e firmar sua relação com o obra.

O canto de contação de histórias foi um momento preparado para fomentar o gosto da leitura, e propor as crianças que através dos livros grandes histórias surgem e novas aventuras se firmam.

O canto da musicalização em livros e poemas visou à articulação da linguagem musical, com a linguagem oral. As crianças brincaram com batusques através de histórias e poemas.

3 Considerações provisórias

Esta pesquisa trouxe consigo algumas inquietações relacionadas à leitura, literatura e formação de leitor na educação infantil, porém com gratificantes resultados.

As inquietações tiveram sua origem nas observações iniciais, que sinalizaram para a possibilidade de se oferecer uma proposta diferenciada da que se havia visto. O relacionamento que a criança possuía com o livro estava parcialmente oculto na prática pedagógica observada. As intervenções que trouxeram à tona uma possibilidade de relação elaborada e dialogada com livros para as crianças e docentes, constatou que é possível fomentar a formação de leitores desde pequenos.

As rodas de leituras necessitam ter continuidade, pois a consolidação delas durante as tardes fez a criança estabelecer uma autodisciplina para aqueles momentos. A inter-relação com os livros tornou-se um momento de fruição e participação ativa das crianças no Núcleo de Educação Infantil, no sentido de não serem, simplesmente, ouvintes e figurantes de cenas, mas sim, protagonistas de suas próprias percepções internas.

Para cada vez mais firmar essa relação, a contação foi feita próxima aos livros, um livro possível de ser tocado e vivido, o que gerou mais, ainda, em seus rostos, olhares brilhantes sob os livros que ainda estavam guardados na roda da leitura. Linguagens orais e escritas foram produzidas a cada página virada pela criança.

Frases como: *“Ô profe, a mala tá lá! Ô profe, não vai embora! Profe, conta mais uma história?! Profe, ontem minha mamãe leu um livro para mim! São muito gratificantes. Ser um mediador de relação imparcial na formação de leitor da criança, devido à permissão que dá a elas em serem coautoras da autonomia de poder escolher um livro, de folheá-lo, de rir ao ver imagens engraçadas, ou de cantar, é, apenas, o início de grandes resultados.*

Ao trabalhar a identidade e autonomia da criança, buscando a relação com livros, identificou-se mais, ainda, o espírito de pesquisador que a criança possui. Quanto mais se apresentavam novas propostas com desafios, mais questionamentos surgiam. Com mais questionamentos, significa que o cérebro

encontra-se em constante busca e crescimento. As afirmações de novas sensações e as muitas idas aos desertos que a leitura proporcionou às crianças fizeram do livro, um aliado para a expressão de sentimentos e desejos.

O Núcleo de Educação Infantil precisa rever as práticas da leitura, pois com o questionário aplicado aos pais do grupo pesquisado, confirmou um ativo trabalho de leitores no seio familiar da criança, sendo assim, a instituição deve promover a continuidade.

O estudo trouxe consigo um diagnóstico importante sobre realidade de uma sala de educação infantil. Dele, foi possível constatar o binômio cuidar e educar, em aspecto de meio físico, materiais didáticos e a prática do professor. O espaço estudado permitiu um aprofundamento sobre as formas como estão organizados seus processos administrativos, tanto de gestão, como pedagógico.

Para a formação acadêmica, todos esses estudos foram de suma importância, pois se percebeu que há diversos caminhos, opções e realidade que são cativantes e incentivadores. Com isto, faço reflexões em meus estudos, para futuramente aplicar todos estes conhecimentos na minha prática docente. Os resultados da pesquisa sinalizam a importância do papel do educando em sala de aula e a do educador como sujeito polivalente, com sua práxis reflexiva, para assim ter um bom rendimento em sala.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação MEC/SEB, 2009.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: **Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

NEITZEL, Adair de Aguiar. in Sensibilização poética: educar para a fruição estética; SIRGADO Angel Pino; SCHLINDWEIN, Luciane Maria (Orgs). **Estética e Pesquisa: Formação de Professores**. Itajaí: Ed. Univali: Ed. Maria do Cais, 2006.